PsiPorã
Revista do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFGD

PSICODINÂMICA DO TRABALHO INFORMAL DOS TRABALHADORES DA FASE RURAL, DA PRODUÇÃO E BENEFICIAMENTO DO SISAL

PSYCHODYNAMICS OF INFORMAL WORK OF WORKERS IN THE RURAL PHASE, PRODUCTION AND PROCESSING OF SISAL

PSICODINÁMICA DEL TRABAJO INFORMAL EN LA FASE RURAL DE LA PRODUCCIÓN Y PROCESAMIENTO DEL SISAL

***Andréia Keilla Mota Mascarenhas*[1]**

***Ana Lucia Pellegrini Pessoa dos Reis*[2]**

***Pablo Mateus dos Santos Jacinto*[3]**

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo conhecer as repercussões psíquicas vinculadas ao trabalho informal vivenciadas pelos trabalhadores da fase rural da cadeia de produção e beneficiamento do sisal. O estudo, de natureza qualitativa e descritiva, contou com 10 trabalhadores informais da zona rural de Conceição do Coité/Bahia, utilizando entrevistas semiestruturadas, conduzidas individualmente com base na adaptação do método da psicodinâmica do trabalho feita por Mendes (2007), além de diário de campo. A análise dos dados, realizada por meio de núcleos de sentido, revelou que a organização do trabalho proporciona vivências ambíguas, envolvendo tanto prazer quanto sofrimento psíquico. Foram identificadas estratégias de defesa individuais e coletivas construídas pelos trabalhadores como forma de enfrentamento das adversidades e do sofrimento no contexto laboral. Os achados ressaltam a complexidade das vivências subjetivas no trabalho informal rural e indicam a necessidade de políticas públicas que considerem os aspectos psicodinâmicos do trabalho no campo.
Palavras-chave: Psicodinâmica do trabalho; Trabalhador rural; saúde do trabalhador.

Abstract: This research aimed to understand the psychic repercussions related to informal work experienced by workers in the rural phase of the sisal production and processing chain. This is a qualitative and descriptive study involving 10 informal workers from the rural area of Conceição do Coité, Bahia. Data were collected through semi-structured interviews, conducted individually based on the adaptation of the work psychodynamics method by Mendes (2007), along with a field journal. The analysis, based on the identification of meaning units, revealed that work organization generates

[1] Universidade do Estado da Bahia. E-mail: andreiakeilla@hotmail.com ORCID https://orcid.org/0000-0003-3978-2671
[2] Universidade do Estado da Bahia. E-mail: anapellegrinireis@yahoo.com.br ORCID https://orcid.org/0000-0002-5142-7376
[3] Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: pablo.jacinto@uesb.edu.br ORCID https://orcid.org/0000-0002-5142-7376

ambiguous experiences, involving both pleasure and psychological suffering. Individual and collective defense strategies were identified, developed by workers as ways of coping with adversity and suffering in the work context. The findings highlight the complexity of subjective experiences in rural informal work and indicate the need for public policies that take into account the psychodynamic aspects of rural labor.
Keywords: Work psychodynamics; Rural worker; Worker health.

Resumen: Esta investigación tuvo como objetivo conocer las repercusiones psíquicas vinculadas al trabajo informal vividas por los trabajadores de la fase rural de la cadena de producción y procesamiento del sisal. Se trata de un estudio cualitativo y descriptivo, realizado con 10 trabajadores informales de la zona rural de Conceição do Coité, Bahía. Se utilizaron entrevistas semiestructuradas, realizadas individualmente según la adaptación del método de la psicodinámica del trabajo propuesta por Mendes (2007), además de un diario de campo. El análisis, basado en núcleos de sentido, reveló que la organización del trabajo genera vivencias ambiguas, que implican tanto placer como sufrimiento psíquico. Se identificaron estrategias de defensa individuales y colectivas desarrolladas por los trabajadores como formas de enfrentar las adversidades y el sufrimiento en el contexto laboral. Los hallazgos destacan la complejidad de las experiencias subjetivas en el trabajo informal rural e indican la necesidad de políticas públicas que consideren los aspectos psicodinámicos del trabajo en el campo.
Palabras clave: Psicodinámica del trabajo; Trabajador rural; Salud del trabajador.

O território de identidade do sisal no Estado da Bahia é composto por 20 municípios, abrangendo uma área de 20.405 km², o que equivale a 3,6% do território estadual. Em 2021, essa região contava com uma população de 609,1 mil habitantes, representando 4% da população baiana, com um índice de urbanização de 42%. Esse percentual é relativamente baixo quando comparado à média do Estado, que era de 71% em 2010 (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia - SEI, 2021). A elevada porcentagem da população residente em áreas rurais sublinha a importância das atividades produtivas para a subsistência dessa população.

Segundo o boletim publicado pela SEI em 2021, entre os municípios deste território, os dois maiores em termos populacionais são Serrinha, com 81.693 habitantes, e Conceição do Coité, com 67.394 habitantes, enquanto Ichu, com 6.232 habitantes, e Lamarão, com 8.078 habitantes, são os menores. Em 2019, o PIB do território do sisal foi de 5,7 bilhões de reais (PIB per capita de 9.401,80 reais), correspondendo a 1,9% do PIB da Bahia, o que indica um crescimento na participação econômica da região em relação ao Estado, considerando que, em 2002, esse percentual era de 1,6%. Serrinha e Conceição do Coité também foram os municípios com maior participação no PIB do território, com 16,1% e 13,3%, respectivamente. Os municípios com menor participação foram Ichu (0,8%), Lamarão (1,0%) e Candeal (1,0%).

Apesar de cerca de 58,0% da população do território habitar na zona rural, a atividade econômica da agropecuária representava 15,5% em 2002, diminuindo para 12,5% em 2019. No mesmo

período, a participação da indústria aumentou de 15,2% para 20,0%, enquanto o setor de comércio e serviços diminuiu de 69,3% para 67,5%. Em 2020, o valor da produção agropecuária no território foi de 308,2 milhões de reais, correspondendo a 1,1% do valor total da produção agrícola da Bahia. Entre os principais produtos agrícolas, o sisal destacou-se com o maior valor de produção, alcançando 146,8 milhões de reais, equivalentes a 44,6 mil toneladas, representando 54,9% do total produzido (SEI, 2021). Nesse contexto, fica evidente a relevância da produção e beneficiamento do sisal como fonte de renda e estratégia de sobrevivência em uma região que, apesar da melhoria de alguns indicadores sociais, como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que subiu de 0,51 em 2000 para 0,64 em 2010, e o índice de Gini, que ficou em 0,559 em 2010, continua sendo uma das mais pobres do Estado da Bahia, com 24,7% da população em situação de pobreza extrema (SEI, 2016).

Apesar de sua importância econômica e social para a região, a atividade sisaleira ainda envolve muitos trabalhadores em condições precárias, com relações informais de trabalho e remuneração inferior ao salário-mínimo legal (Alves, Santiago & Lima, 2005; Soares & Pinto, 2017). Diversos estudos têm investigado a região e a cultura do sisal, abordando aspectos como características geoclimáticas, relevância econômica do sisal, relações sociais e de trabalho na produção do sisal, eficácia das políticas públicas na redução da pobreza e desigualdade, importância das intervenções da sociedade civil e das organizações comunitárias na constituição de um "capital social", qualidade da gestão municipal e políticas públicas, além de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho e saúde do trabalhador (Alves, Santiago & Lima, 2005; Alves & Guimarães, 2012; Mateus & Jacobi, 2018; Nascimento, 2016).

No campo da sociologia do trabalho, a informalidade é vista por Antunes (2018) como uma das formas de precarização do trabalho, sendo responsável por altas cargas, aumento do ritmo e pressões, diminuição dos rendimentos, acúmulo de funções e ausência de proteção social, afetando negativamente a saúde dos trabalhadores. Dejours (1992), ao estabelecer a relação entre o trabalho e a saúde mental, argumenta que a forma como o trabalho é organizado – incluindo a divisão de tarefas, o conteúdo do trabalho, o modo, ritmo, sequência e relações socioprofissionais – atua diretamente no funcionamento psíquico dos trabalhadores, podendo causar sofrimento psíquico. Assim, a

informalidade e a precarização do trabalho na produção e beneficiamento do sisal podem intensificar os riscos psicossociais já existentes.

Não foram encontrados estudos sobre as repercussões do trabalho informal na saúde mental dos trabalhadores rurais que atuam na produção e beneficiamento do sisal. Considerando estes aspectos, o presente estudo tem como objetivo conhecer as repercussões psíquicas vinculadas ao trabalho informal vivenciadas pelos trabalhadores, da fase rural, da cadeia de produção e beneficiamento do sisal. De forma específica, pretende compreender as condições e organização do trabalho dos trabalhadores que atuam na fase rural da cadeia de produção e beneficiamento do sisal; conhecer a dinâmica de prazer e sofrimento vivenciados por esses trabalhadores em situação informal de trabalho e as estratégias utilizadas por estes trabalhadores para mediar o sofrimento relacionado ao trabalho informal.

Métodos

Este estudo utilizou uma abordagem qualitativa e descritiva baseada na psicodinâmica do trabalho, com adaptações metodológicas propostas por Mendes (2007). A pesquisa foi realizada em residências de trabalhadores e em um local de trabalho, ambos localizados na zona rural da cidade de Conceição do Coité, Bahia. O município fica situado no semiárido baiano, a 210km de Salvador, e possui uma área de 1.016km², com uma população de 62.040 mil habitantes, entre os quais 58,5% dessa população residem na área urbana e 41,52% (N= 25.762) em áreas rurais (SEI, 2018). Os participantes do estudo eram trabalhadores informais da cadeia de produção e beneficiamento do sisal, exercendo cargos como cortador(a), carregador(a), cevador(a), resideiro(a) e estendeiro(a), com idade mínima de 18 anos.

O número de participantes foi determinado pelo ponto de saturação, conceito comum em pesquisas qualitativas. Segundo Fontanella, Ricas e Turato (2008), a saturação ocorre quando os dados se tornam repetitivos e novas informações não acrescentam à compreensão do fenômeno estudado.

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, gravada em áudio e posteriormente transcrita. O roteiro da entrevista buscou contemplar os aspectos relativos à dados sociodemográficos (idade, sexo, raça/cor,naturalidade, escolaridade, número de filhos), condições de trabalho (salário; carteira assinada; fatores ergonômicos, físicos, químicos, biológicos, condições de higiene e de segurança), organização do trabalho (divisão das tarefas, conteúdo do trabalho, postura, sequência, ritmo, hierarquia, comando, sistema e níveis de comunicação) prazer e sofrimento vivenciados no trabalho, assim como as estratégias coletivas de enfrentamento utilizadas por esses trabalhadores para lidar com as situações que lhe causam sofrimento.

Antes da coleta de dados, realizou-se o pré-teste do roteiro da entrevista com um informante-chave, trabalhador com amplo conhecimento do espaço e grupo estudado (Bisol, 2012), adaptando-a ao contexto do estudo.

A entrevista foi realizada individualmente, conforme a adaptação no método da psicodinâmica do trabalho feita por Mendes (2007), sem alterar os princípios desta abordagem. Esta técnica consiste em uma coleta de dados centrada na relação pesquisadores - pesquisados, com enfoque na fala, na escuta e na interpretação dos conteúdos manifestos e latentes sobre a organização de trabalho. Com o propósito de apreender as manifestações, recolher e registrar fatos existentes na dinâmica do trabalhador e da organização de maneira mais criteriosa foi utilizado um diário decampo.

Previamente às entrevistas, o projeto foi apresentado aos trabalhadores, incluindo os objetivos e os aspectos éticos do estudo. Após a concordância dos participantes, eles assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e as entrevistas foram conduzidas.

A análise das entrevistas utilizou a técnica de Análise dos Núcleos de Sentido (ANS), adaptada por Mendes (2007) com base na análise categorial de Bardin (1977). Essa técnica desmembra discursos em categorias formadas por núcleos de sentido, definidos como temas recorrentes com similaridades semânticas, lógicas e psicológicas. O software MAXQDA 2020 foi utilizado para facilitar o agrupamento dos conteúdos

A pesquisa seguiu a Resolução CFP N°016/2000 e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (Parecer N° 4.855.134).

Resultados e Discussão

Foram apresentados os dados sociodemográficos dos participantes e os aspectos relativos à organização e às condições de trabalho no contexto investigado. Adicionalmente, analisam-se os núcleos de sentido emergentes das vivências, que refletem experiências de prazer e sofrimento no cotidiano laboral.

Características sociodemográficas

A pesquisa contou com 10 trabalhadores, dos quais 3 eram mulheres. Nove se autodeclararam pretos ou pardos e um, branco. Todos eram naturais de Conceição do Coité, Bahia. Entre os participantes, o número de filhos variava de 2 a 6. Em termos de escolaridade, 3 eram analfabetos e apenas 1 havia concluído o ensino fundamental. Na região sisaleira, a precariedade socioeconômica impulsiona as crianças a ingressarem no mercado de trabalho precocemente, comprometendo os estudos e perpetuando o ciclo de pobreza (Nascimento, 2023). Essa realidade é ilustrada pelo seguinte relato:

> *Quando meu pai faleceu, nós era tudo pequeno e aí minha mãe não tinha como sobreviver então nós foi trabalhar no motor de sisal, já pequeno na faixa de 13 anos.* (Participante 1)

Organização do trabalho

Quanto à organização do trabalho, foram considerados a divisão de tarefas, o conteúdo das atividades, o modo de realização, a postura, a sequência, o ritmo, além das relações hierárquicas e de comando, conforme Dejours (1992). Apesar de Soares e Pinto (2017) se referirem a funções específicas como cortador(a), carregador(a), cevador(a), resideiro(a) e estendeiro(a), os participantes da pesquisa acumulavam múltiplas funções, com destaque para os papéis de cortador(a) e carregador(a). Essa realidade pode ser observada nos relatos:

> *Ah, eu corto palha, boto, aí vezes também o resideiro não vem, eu resido, tem vez também que eu cevo.* (Participante 1)

> *Sou cevador, mas se tiver outro serviço no motor eu corto palha, eu boto palha, eu estendo*

fibra, tiro resíduo. (Participante 8)

Eu corto e boto, boto no jegue e levo pro motor. (Participante 5)

Nenhum dos trabalhadores possuía vínculo formal de trabalho com seus contratantes, realidade já descrita por Soares e Pinto (2017). Essa informalidade implica na ausência de direitos trabalhistas, como férias, proteção sindical e horas extras. O pagamento, realizado semanalmente, variava de acordo com a produção em quilogramas e a qualidade da fibra. Os homens relataram rendimentos entre R$100 e R$200, enquanto as mulheres indicaram ganhos entre R$80 e R$150.

Historicamente, as responsabilidades domésticas recaem sobre as mulheres, mesmo com avanços rumo à independência feminina (Sousa & Guedes, 2016). Essa desigualdade é evidenciada no depoimento:

Quem tem filho não pode ter uns horários certos, aí tem semana que dá, outra que não dá. (Participante 4)

Em relação à jornada de trabalho, a maioria dos participantes trabalhava de 8 a 10 horas diárias, enquanto quatro relataram atuar entre 5 e 7 horas. A escolha por essa ocupação se deu pela falta de alternativas de emprego na região como relata 6 participantes. Como observado por Cristo (2008), a ausência de opções emprego e renda leva os indivíduos a se submeterem a uma situação salarial precária e temporária. Outros mencionaram a continuidade de tradições familiares, aprendidas na infância.

Os trabalhadores destacaram boas relações interpessoais, com momentos de interação e descontração durante os intervalos. Porém, a ausência de vínculo formal e os rendimentos atrelados à produção intensificam a precarização laboral, aumentando as jornadas e ritmos de trabalho. Conforme Marx (2013) e Antunes (2018), a remuneração por produção transfere ao trabalhador a responsabilidade pelo ritmo produtivo, promovendo a exploração e a intensificação da força de trabalho.

De acordo com Quijada, Cavichioli e Soares (2020), medidas como a reforma agrária e políticas públicas de fortalecimento da agricultura familiar contribuem para a geração de empregos na

zona rural. Nessa perspectiva, assentamentos rurais são uma medida importante para criar oportunidades de empregos diretos e indiretos a baixo custo e para estabelecer um modelo de desenvolvimento agrícola em bases sociais mais igualitárias (Pinheiro, Queiroz Pinheiro & Gurgel, 2022).

Condições de trabalho

O ambiente de trabalho na produção e beneficiamento rural do sisal expõe os trabalhadores a riscos de acidentes, como também riscos de natureza física, química e biológica. Os trabalhadores referem acidentes com instrumentos cortantes, como facas e facões, e lesões causadas pelos espinhos das plantas. Além disso, o manejo da máquina paraibana apresenta riscos graves de mutilação de membros, exigindo atenção constante. Essa vulnerabilidade é evidenciada no relato de um participante:

> *Sempre quem trabalha no motor de sisal é perigo, porque ali tem espinho de sisal, se a pessoa não tomar cuidado nas vistas corre risco de ficar cego, bater um espinho no olho e a pessoa ficar cego. Cevar a palha mesmo tem que ter cuidado, porque se a máquina comer a mão, a pessoa fica com a mão amputado, tem muitos por aí que têm o braço amputado pela questão do motor do sisal, aí a pessoa tem que trabalhar com cuidado.* (Participante 1)

As máquinas desfibradoras “Paraibanas” expõem os trabalhadores a altos riscos de mutilações devido à falta de modernização, possibilitando acidentes graves com membros superiores (Nascimento, 2013; Almeida, 2006). Apesar de a máquina “Faustino” oferecer maior segurança, sua aceitação foi limitada por baixa eficiência produtiva, elevado custo, dificuldade de transporte e ausência de remoção completa dos resíduos das fibras (Alves, Santiago & Lima, 2005). Dada a vulnerabilidade socioeconômica da população do território do sisal (SEI, 2016), a substituição da máquina “Paraibana” pela “Faustino” demandaria apoio governamental. Ainda assim, é necessário considerar os possíveis impactos dessa tecnologia, como o desemprego, que poderia agravar as condições socioeconômicas locais.

O ambiente de trabalho no beneficiamento rural do sisal apresenta condições insalubres, com

riscos químicos, físicos e biológicos. A poeira do sisal, especialmente para cevadores(as), foi associada a coceiras frequentes, agravadas em situações de chuva, como evidenciam os relatos:

> *No meio do tempo a gente não tem como trabalhar chovendo porque se molha, se molha e aquele serviço da gente ele coça.* (Participante 3)
>
> *Quando eu saia da boca da máquina, que chegava aqui e me jogava uma água eu precisava usar creme na coceira*. (Participante 8)

Além disso, os riscos físicos incluem exposição ao sol e à chuva, e os riscos biológicos se manifestam na presença de dejetos de animais e mosquitos nos locais de trabalho. Observou-se ainda a precariedade dos Equipamentos de Proteção Individual (EPI), improvisados pelos próprios trabalhadores, em desacordo com a Norma Regulamentadora (NR) n° 31, que prevê o fornecimento gratuito pelo empregador (Brasil, 2020). Os trabalhadores carecem de locais adequados para refeições e instalações sanitárias, com acesso limitado a água potável.

A NR n° 31 determina que o empregador rural deve implementar medidas para prevenir acidentes e doenças, garantindo segurança, higiene e conforto no ambiente de trabalho, o que não foi evidenciado na realidade observada. Essas condições destacam a necessidade de intervenções para melhoria das condições de trabalho e proteção à saúde dos trabalhadores.

Vivências de sofrimento no trabalho

Na categoria sofrimento no trabalho, foram identificado três núcleos de sentido nos discursos dos trabalhadores. As falas apresentadas são as que mais representam os núcleos.

Intensificação do trabalho

A organização do trabalho na fase rural da produção e beneficiamento do sisal baseia-seem pagamentos semanais que dependem da produção. Esse modelo de produção, comoapontado por Marx (2013), é responsável pela intensificação do trabalho uma vez que demandaque os trabalhadores

aumentem sua jornada de trabalho para produzir mais e obter maiores rendimentos. Ou seja, quanto mais produção, maior será o salário.

Apesar do pagamento ser realizado individualmente, Nascimento (2016), ressalta que a remuneração por produção, no contexto do trabalho com o sisal, está diretamente ligada à performance da equipe. O autor traz que esse modelo apesar de proporcionar a liberdade de regulação dos horários, possui um mecanismo de controle de tempo que é realizado entre os próprios trabalhadores do grupo, não sendo assim necessário a vigilância do dono do motor. Osdiscursos dos trabalhadores revelam essa preocupação em iniciar o trabalho mais cedo para obter uma maior produção:

> *Hoje é assim o esforço é meu, quanto mais pegar no meu trabalho mais cedo, sai melhorpra mim. [...] Aquele que ganha mais não é porque o dono do trabalho vai pagar mais, é porque ele se esforçou mais da parte do trabalho, se esforçou os dias tudo, às vezes trabalhou mais queeu na comparação, ele se interessou em chegar mais cedo, sair mais tarde, aí o ganho dele rendemais que o meu. [...] Assim, quando a turma vem certa, aí a gente sempre ganha mais um pouco. Quando não vem, a gente não ganha, é pouco, é variado.* (Participante 3)
>
> *Eu costumo entrar 07h da manhã. Se você quiser ganhar mais um dinheirinho, tem que pegar esse horário ou mais cedo um pouco.* (Participante 7)
>
> *É mais ruim, o cara não ganha quase nada, ganha pouco, quanto mais pega cedo você ganha mais, produz mais e ganha mais, porque é na produção*. (Participante 9)
>
> *Sempre que eu não consigo chegar no horário eu me preocupo, né, porque vai produzir mais pouco*. (Participante 10)
>
> *Nas semanas que eu não vou nos horários certos eu ganho mais pouco, ai é muito ruima pessoa não ganhar bem*. (Participante 4)

Os participantes ainda colocam o adoecer como um fator que prejudica a busca de melhores rendimentos, havendo, muitas vezes, a necessidade de ir trabalhar doente:

> *Sempre quando a pessoa fica doente faz falta né, porque a pessoa perder um dia de trabalho aí já faz falta no bolso, é menos um dia e já ganha mais pouco. Na semana já diminui o ganho*

do mês. (Participante 1)

Eu fico assim com o corpo meio pesado, cabeça doendo, mas quando chega no trabalho, trabalha menor, divide aquele dia trabalhando, pronto. (Participante 3)

Tá com saúde no trabalho e corpo disponível pra trabalhar aí é bom. Quando o corpo tá doente é barril, mas também não me entrego a doença pouca pra não trabalhar, não. (Participante 6)

Além do adoecimento, a qualidade da fibra, as condições climáticas, o preço da fibra no mercado e a quantidade de trabalhadores que estiveram presentes na atividade também aparecem como fatores que interferem em melhores ganhos semanais, como expostos nos seguintes discursos:

Prazer é a gente trabalhar com um sisal bom que progrida, que ganhe dinheiro, que dê mais peso. (Participante 4).

Quando pega umas palhas mais ruim e mais fraca, aí trabalha a semana quase toda e não ganha quase nada. Tem lugar que tem muito mato que deixa as palhas ruins, depende da roça. (Participante 6)

Tempo de chuva mesmo a pessoa não ganha bem não, o certo mesmo é uns R$150 por semana. (Participante 1)

O período agora que nem tá, tem momento que tá bom, o sisal tá com um preço bom, aí o dono do motor tem como pagar a mais um pouquinho. E quando tá ruim de preço, nem ele tem condições também, aí todo mundo se concorda por aquilo.[...] O trabalho da gente é assim, se chovendo muito é ruim pra gente trabalhar, mas também não para, só para no momento quetá chovendo ali. Estiou, vai trabalhar E também se tiver no tempo seco o sol é muito, o sisal ele não aguenta quentura, ele seca, e aí não tem como trabalhar com ele. Aí a gente para, para o tempo que for, um mês, um mês e tanto, se não chover pra ele enverdecer. Quando chove, aí começao trabalho de novo. (Participante 3)

O trabalho por produção ao colocar o trabalhador como responsável pela produtividade e, consequentemente, pela sua remuneração, torna-se fonte geradora de sofrimento psíquico. Chehab (2024) afirma que essa modalidade de trabalho faz com que o sujeito ultrapasse seus próprios limites, podendo prejudicar sua saúde e integridade ao impor ritmo acelerado de trabalho, cansaço,

somatizações, ansiedade e uso de drogas. Essa autora ainda ressalta que na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho, a patologia da sobrecarga é advinda da determinação de metas de produtividade desumanas aos trabalhadores, que ignora os limites psicossociais e físicos que causam adoecimento. Dejours (2008) destaca que a patologia da sobrecarga é evidenciada no aumento das LER/DORTs, mencionando também outros quadrospatológicos como *burnout* e *karoshi*.

Reconhecimento

Nas falas dos trabalhadores foi possível identificar uma ausência de reconhecimento da hierarquia, uma vez que relatam pouca retribuição material do salário. Como é possível perceber nos seguintes trechos dos discursos:

> *Só o valor que me conformo, melhor pouco do que nada.* (Participante 1)
>
> *É porque você vai na rua, faz sua feirinha, não dá pra muito não, mas dá para a pessoa ir vivendo*. (Participante 9)

Ao perguntar ao Participante 6 sobre o que ele não gosta em seu trabalho, ele afirma: "*De ganhar pouco. Eu gosto de ganhar muito*". Falas como essa foram recorrentes:

> *Sobre o trabalho é só isso mesmo, eu acho mais ruim quando tô parado, quando eu tô parado que é ruim, porque vai chegar o dia de eu não ter meu dinheirinho no bolso. É pouco, mas não vou ter, e eu trabalhando eu vou ter ele*. (Participante 3)
>
> *Pedir por Deus pra acabar essa ruim e ir pra uma melhor pra ganhar mais. Ganhando pouco fica devendo, tem as coisas pra pagar e não dá pra pagar tudo, tem que ganhar mais pra poder pagar, tem que pegar fiado pra comprar as coisas*. (Participante 6)
>
> *A dificuldade que eu falo é que sou aposentado e fico pensando nos meus colegas que não é, né. Porque eles ganham aquele dinheirinho ali coado, pra um pai de família sustentar a família e não dá, porque eu sou acostumado a pegar no dinheiro e eu sei o que é dinheiro*. (Participante 8)

A contribuição que o trabalhador proporciona à organização é dotada de expectativas de retribuição por meio da valorização de suas ações, ou seja, o reconhecimento. No caso dos trabalhadores do sisal, o reconhecimento aparece vinculado à retribuição material do salário, perpassando assim o que Dejours (2008), postulou sobre reconhecimento simbólico baseado no julgamento de utilidade e estético. Ou seja, é aquilo que é percebido e reconhecido pelo contratante e pelos colegas de trabalho, considerando mais que a dedicação e o compromisso, mas a própria qualidade e a referência da atividade.

Na perspectiva da psicodinâmica do trabalho, é por meio do reconhecimento no trabalhoque se dá o processo de construção da identidade do trabalhador, configurando-se ainda, comoum importante fator para vivências de prazer e de saúde (Dejours, 2008). A ausência de reconhecimento, provoca sofrimento psíquico e coloca o sujeito em um círculo vicioso e desestruturante que pode levar ao adoecimento.

Segundo Dejours (2008), o reconhecimento é fundamental para a mobilização subjetiva da inteligência e da personalidade dos trabalhadores quando estes se deparam com a realidade e as necessidades da organização. O reconhecimento é responsável por dar significado ao trabalho, dá sentido ao esforço, à angústia, à decepção e dúvida, formando o que o autor chamade “armadura da saúde mental”, que se transforma afetivamente em uma vivências de prazer e autorrealização (Dejours, 2008).

Ausência de opções de emprego

Identificou-se que os trabalhadores vivenciam uma ausência de opções de emprego na região que residem, demonstrando em seus discursos que atuam na produção e beneficiamentodo sisal devido à falta de alternativa:

> *Rapaz, na lógica era pra ter outro tipo de trabalho melhor pra eu conseguir mais as coisas,mas por aqui pelo setor da gente não tem. O serviço é esse. Pra quem já tem um serviço de carteira assinada, um trabalho aqui na cidade, tudo bem. Quem não tem um trabalho de fábrica, essas coisas, é o campo. [...] A arte de outra coisa não aprendi, não, aprendi assim pra trabalharde*

servente. Se tiver um trabalho eu trabalho, mas de outra profissão não tive não. (Participante3)

Eu trabalhava de roça, mas trabalho de roça é difícil de achar na região, aí é mais motorde sisal. (Participante 1)

Se eu achasse, por exemplo, um trabalho pra trabalhar fora fichado eu ia também. *Enquanto não tá tendo fora, aí fico por aqui mesmo*. (Participante 6)

Vieira, Ghizoni e Marinho (2018) afirmam que a submissão a condições desumanas de trabalho como resultado de alternativas de trabalho que assegurem a sobrevivência. De acordo com Castelhano (2005), o medo do desemprego faz surgir nos trabalhadores sentimentos de gratidão e flexibilidade mesmo que o trabalho lhes assegurem apenas aremuneração.

A situação de não emprego produz consequências que vão além da perda de remuneração. Segundo Dejours (1992), o desemprego provoca, progressivamente, uma dessocialização, ou seja, o indivíduo perde seu lugar social no mundo de forma gradativa, o que causará um grandesofrimento psíquico pois a condição afeta diretamente o alicerce da identidade do sujeito. Portanto, para Dejours (1992), o trabalho é uma oportunidade de transformação desse sofrimento, no qual o indivíduo que trabalha pode, em algumas situações, preservar melhor suasaúde do que aquele que não o faz.

Dessa forma, o medo de ficar desempregado coloca o trabalhador em uma situação de vulnerabilidade tornando-o submisso a formas de dominação e controle, o que provoca um aumento do sofrimento, individualismo e neutralização da mobilização coletiva (Castelhano, 2005).

Vivências de prazer no trabalho

A psicodinâmica do trabalho não descarta vivencias de prazer em trabalhos precários, desde que a organização do trabalho ofereça condições para: mobilização da inteligência prática, espaço público da fala e da cooperação aos trabalhadores (Mendes, 2007). Na presente pesquisa, foi possível identificar núcleos de sentido relacionados a liberdade no trabalho, coletivo de trabalho e apoio social.

Liberdade e autonomia

A liberdade e autonomia foram aspectos apontados pelos entrevistados como algopositivo no contexto laboral, onde possuem flexibilidade de horários e de ritmo de trabalho, como relatado nas falas:

> *Ninguém aperta minha mente, minha cabeça pra ter que trabalhar ligeiro. Trabalho do meu jeito.* (Participante 1)
>
> *Eu gosto mais de trabalho no motor do que em casa de família, porque casa de família tem a patroa no pé o tempo todo. [...] Tenho liberdade, né. Porque na verdade a gente quando não tem liberdade é quando trabalha de carteira assinada, que tem que ir querendo ou não, mas como é clandestino, a gente tem liberdade pra fazer o que quiser, né. É mais livre.* (Participante 4)
>
> *Não, não tinha negócio de pressa não, trabalhava no rojão da produção. Qando eu queria trabalhar mais, trabalhava. Quando não queria, trabalhava menos. Aqui no motor ninguém me manda trabalhar, não.* (Participante 6)
>
> *Rapaz, eu escolhi trabalhar no sisal porque o sisal a gente trabalha pela conta da gente mesmo, ninguém tá perturbando a gente. Porque a gente pra ir trabalhar um dia de serviço, se a gente não chegar no horário, fica achando ruim, e aí no motor do sisal a gente pega a hora que a gente quer e trabalha a hora que a gente quer e ninguém tá falando nada com a gente, né. É assim o serviço do sisal.* (Participante 8)

É possível perceber que a liberdade proporcionada pela organização do trabalho da fase rural da produção e beneficiamento do sisal, possibilita que os trabalhadores vivenciem prazerno trabalho. As vivencias de prazer acontecem quando a organização do trabalho proporciona ao trabalhador a liberdade de se estruturar e se adaptar às tarefas, podendo ajustar a realidade de trabalho de acordo com seus desejos e necessidades, assim como, quando há oportunidade de negociação na organização e quando as relações socioprofissionais são democráticas e justas (Dejours, 2008). Dessa forma, liberdade proporcionada por essa organização do trabalho atua como promotor de saúde ao permitir a organização psíquica, formação de identidade e expressão da subjetividade no trabalho

(Dejours, 2008).

Contudo, ao mesmo tempo que a liberdade no trabalho proporciona vivências de prazer, o pagamento por produção, atua como uma forma de controle, produz nos trabalhadores a necessidade de ir trabalhar mais cedo e por mais tempo, como já apontado no tópico anterior.

Apoio social

Os trabalhadores entrevistados relataram manter boa relação e comunicação com os pares, com a hierarquia, e auxílio mútuo nas tarefas laborais. Afirmaram ter convivência satisfatória com os colegas e com as chefias, havendo, também, momentos para reuniões entre os colegas, como apresentado nas seguintes falas:

> *Sempre na hora do trabalho a gente para assim pra conversar, dar risada. Eu gosto pra distrair a mente até a hora do trabalho.* (Participante 1)
>
> *Até aqui ainda tá bem, o dia que não tem uma reuniãozinha já sente falta.* (Participante 2)
>
> *Bom, meu trabalho é assim acho que não tem o que dizer não porque quando vou trabalhar me sinto bem. Eu só me sentiria chateado se eu chegasse pra trabalhar e me sentisse abusado pelo dono do serviço, mas o dono do serviço é legal com todo mundo, aí trabalho tranquilo*. (Participante 3)
>
> *Tem trabalho mais divertido do que esse? Todo mundo amigo, come tudo junto, cozinhatodo mundo junto, tudo de boa. Não tem diferente nenhuma um com o outro, ai tudo se bate bem*. (Participante 9)
>
> *Felicidade que a gente sente assim, a gente conversa, dá risada, é bom*. (Participante 5)

Quando perguntado como era o relacionamento com a chefia, o Participante 3 afirmou que, além de ter um bom relacionamento, ainda trabalham juntos: "*É boa, ele é uma pessoa legal, ele trabalha junto na área, o equipamento é dele, ele paga, ajudo ele assim na parte de trabalho,quando as vezes ta só eu vou lá lutar com ele*."

As relações interpessoais no trabalho podem ser dotadas de recursos que proporcionam um

apoio social capaz de proteger os trabalhadores das consequências negativas da organização do trabalho. O apoio social contribui para o bem-estar, diminuição dos efeitos do estresse, bemcomo aumenta o comprometimento e satisfação do trabalhador com a atividade. A existência desses recursos proporciona ao trabalhador a percepção de que existem pessoas nos quais podeconfiar (Karasek & Theorell, 1990). Dessa forma, essas relações produzem sensação devalorização e amplia a comunicação. Ainda de acordo com os autores, os recursos oriundos dasrelações interpessoais podem variar de acordo com a necessidade de cada indivíduo, podendo ser: apoio emocional e instrumental.

Dejours (2008), menciona que a prevenção da saúde do trabalhador acontece no coletivo,por meio do respeito, cooperação e solidariedade, ou seja, a prevenção do adoecimento se dá através do cuidado com o outro. Por meio do coletivo de trabalho, os trabalhadores desenvolvem maneiras alternativas de mudar o real e restaurar as bases de convivência e de cooperação, assim como, promove o reconhecimento entre os pares, o que ajudará a promovera saúde mental (Santos & Traesel, 2018).

Estratégias de defesa

As estratégias de defesa consistem em mecanismo desenvolvidos pelos indivíduos visando reduzir ou eliminar as percepções da realidade que lhes causa sofrimento (Demaegdt, Rolo & Dejours, 2013). As pesquisas em psicodinâmica do trabalho revelama existência de estratégias de defesa coletiva e individuais, sendo estas não determinadas pela personalidade dos indivíduos, mas pela organização do trabalho (Demaegdt, Rolo & Dejours, 2013). Ou é possível se beneficiar da cooperação defensiva, ou cada sujeito é obrigado a enfrentar as restrições individualmente.

Isolamento

Ao abordar as estratégias utilizadas pelos trabalhadores diante de situações que lhes provocam irritação, identificou-se que estes recorrem ao isolamento. Como apresentados nos relatos

a seguir:

> *Dá vontade de ir embora, porque assim sempre quando a pessoa tá com raiva dá vontadede ir embora. Mas aí a pessoa controla o estresse, fica com a cara fechada, depois fica de boa de novo*. (Participante 1)
>
> *Eu vou embora. Se eu me irritar no trabalho, eu vou me embora e pronto*. (Participante 5)
>
> *Não ligar. Se for os caras resenhar alguma coisa que não gostar, deixo pra lá e vou trabalhar calado e pronto. Não levo na brincadeira, e passa o tempo.* (Participante 6)
>
> *Se eu ficar chateado no serviço eu venho para minha casa, para minha roça trabalhar.* (Participante 8)

Os trabalhadores assumem uma postura de isolamento do resto do grupo, evitando assim colocar à prova seus modos de pensar e agir frente ao contato com o outro. Contudo, o isolamento torna os trabalhadores mais vulneráveis ao sofrimento, dado que as estratégias defensivas coletivas se mostram corroídas.

Negação e resistência

Apesar de ser observado durante o trabalho de campo condições precárias e dos trabalhadores relatarem aspectos que lhes colocam em perigo e lhes deixam desconfortáveis, ao serem questionados sobre quais fatores não gostavam em seu trabalho, apenas um participante se referiu às condições precárias, como pode-se observar nos discursos:

> *Eu não tenho o que falar não, assim só quando o sol tá quente que a gente fica toda agoniada, mas não tem o que falar de ruim, não*. (Participante 5)
>
> *Aí mesmo não sei. Todo trabalho pra mim é bom, não rejeito, não. Todo tipo de trabalhoeu gosto*. (Participante 1)
>
> *Não tem nada assim que eu não goste, gosto de tudo lá*. (Participante 7)
>
> *Eu gosto de tudo no meu serviço, que eu não vou trabalhar sem eu gostar, né? Tem que gostar*. (Participante 8).

Tudo eu gosto, não tem nada que eu não goste. (Participante 10)

Embora não mencionem aspectos desagradáveis na sua experiência, é possível que esses trabalhadores estejam negando a percepção da realidade. Apesar das defesas atuarem na amenização das condições dolorosas e situações adversas experimentadas no trabalho, assumindo, funções complementares, adaptativas e ou construtivas na vida psíquica do trabalhador. Por outro lado, a negação impedirá que os trabalhadores lutem contra os efeitos negativos que o sofrimento traz para saúde. Dejours (2008) considera que o indivíduo que se utiliza frequentemente mecanismos de defesa, pode desencadear transtornos mentais, classificados como patologia da sobrecarga, patologia da servidão voluntária e patologia da violência.

As falas podem ainda ser estratégias de resistência, utilizado quando o indivíduo se encontra sob algum tipo de ameaça. No caso dos trabalhadores, a pesquisa pode ter sido percebida como uma ameaça ao seu trabalho, visto que devido as irregularidades presentes no trabalho e as ações de fiscalização promovidas pelo Ministério Público do Trabalho (MPT), esses trabalhadores foram, recentemente à aplicação da pesquisa, obrigados a suspenderem suas atividades para evitar a condenação das empresas responsáveis pela trabalho. Ao serem convidados para participar da pesquisa, os trabalhadores mostraram-se resistentes e questionaramse a pesquisa seria direcionado ao MPT. A investigação do Ministério aconteceu em algumas cidades da Bahia com o objetivo de analisar as condições de trabalho na cadeia do sisal para checar denúncias da prática ilegal (ASCOM, 2021).

Racionalização

A racionalização é outra estratégia de defesa que possivelmente é utilizada pelos trabalhadores, que diante da situação dos baixos salários, os trabalhadores atribuem essa condição à quantidade da matéria prima produzida, mas não conferiram à organização do trabalho como a responsável por essa condição. A racionalização é um mecanismo de defesa caracterizado por atribuir explicações lógicas e coerentes para justificar uma ação, ideia, atitudeou sentimento, cujos verdadeiros

motivos não é percebido. Conforme podemos identificar nos seguintes discursos:

> *Tem semana que ganha uns R$200, tem semana que R$150, vai do trabalho, do esforço, né?* (Participante 3)
>
> *O tanto que eu recebo eu gosto. Não é quantidade muito não, é de R$100/R$120 conforme o tanto que a gente trabalhar na produção.* (Participante 8)

Conclusão

Os resultados obtidos indicam que as condições e a organização do trabalho informal, no contexto estudado, possuem características que proporcionam aos trabalhadores vivências de sofrimento e prazer. A pesquisa permitiu identificar que as vivências de sofrimento dos trabalhadores podem estar atreladas a intensificação do trabalho, a baixa recompensa pelo esforço despendido e a ausência de alternativas de emprego na região. Enquanto as vivências de prazer apareceram como consequências da liberdade e autonomia proporcionada pelaorganização do trabalho, bem como pelo apoio social presentes nos coletivos de trabalho. Os resultados indicam, ainda, que diante de vivências de sofrimento no trabalho, os trabalhadorespodem recorrer a estratégias de defesa como o isolamento, negação, resistência eracionalização.

Pode-se concluir, portanto, que a pesquisa construiu conhecimentos sobre as repercussões psíquicas do trabalho informal nesses indivíduos, um grupo ainda pouco investigado pelos estudos da psicologia o que inclui a abordagem da psicodinâmica do trabalho. Além da dificuldade em conseguir a autorização dos proprietários de terra para adentrar as áreas em queos trabalhadores atuavam, a fiscalização de órgãos públicos ocorrida recentemente na localidade, foram fatores que dificultaram o conhecimento mais aprofundado das condições e da organização do trabalho nesse cenário.

Sugere-se que estudos posteriores envolvam um maior número de participantes, contemplando trabalhadores de outros municípios que fazem parte do território de identidade do sisal. Recomenda-se ainda, que novas pesquisas sejam realizadas com o coletivo de trabalho,uma vez que de acordo com Dejours (1992), o espaço público possibilita que os indivíduos aofalar e ser ouvido consigam refletir sobre a própria experiência. É necessário, também, que Vigilância em Saúde do

Trabalhador investigue melhor esse ambiente e os possíveis agravos asaúde. Por fim, sugere-se que estes achados sejam considerados pelos empresários e agentes públicos para a melhoria das condições e organização do trabalho, visando uma melhor vivênciano ambiente de trabalho.

Referências

Alves, M. O., Santiago, E. G., & Lima, A. R. M. (2005). *Diagnóstico socioeconômico do setor sisaleiro do nordeste brasileiro*. Banco do Nordeste do Brasil.

Alves, R. A., & Guimarães, M. C. (2012). De que sofrem os trabalhadores rurais?: Análise dos principais motivos de acidentes e adoecimentos nas atividades rurais. *Informe Gepec*, 16(2), 39–56.

Antunes, R. (2018). *O privilégio da servidão*: O novo proletariado de serviços na era digital. Boitempo.

ASCOM. (2021). *MPT aciona empresa por usar trabalho escravo na cadeia do sisal*. Ministério Público do Trabalho na Bahia.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Bisol, C. A. (2012). Estratégias de pesquisa em contextos de diversidade cultural: Entrevistas de listagem livre, entrevistas com informantes-chave e grupos focais. *Estudos de Psicologia*, 29, 719–726.

Brasil. (2020). *Portaria SEPRT nº 22.677, de 22 de outubro de 2020*: Aprova a nova redação da Norma Regulamentadora nº 31 – Segurança e Saúde no Trabalho na Agricultura, Pecuária, Silvicultura, Exploração Florestal e Aquicultura. Ministério da Economia.

Castelhano, L. M. (2005). O medo do desemprego e a(s) nova(s) organizações de trabalho. *Psicologia & Sociedade*, 17(1), 14–20.

Chehab, G. C. (2024). Servidão digital dos trabalhadores em plataformas: a intensificação e a exploração do trabalho pelo gerenciamento algorítmico. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região*, 28(1), 131-141.

Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: Estudo da psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez.

Dejours, C. (2008). *Trabalho, tecnologia e organização, v. 2: Avaliação do trabalho submetida à prova do real-Crítica aos fundamentos da avaliação* (Vol. 2). Editora Blucher.

Demaegdt, C., Rolo, D., & Dejours, C. (2013). Psychopathologie et psychodynamique du travail. *EMC-*

Pathologie professionnelle et de l'environnement, 8(3), 1-11.

Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: Contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17–27.

Pinheiro, L. V., de Queiroz Pinheiro, J., & Gurgel, F. F. (2022). Quem cuida, ama? Trabalho agroecológico e (re) significações em um assentamento rural. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 15(1).

Karasek RA & Theörell T 1990. *Healthy work-stress, productivity, and the reconstruction of working life*. Ed. Basic Books, Nova York.

Mateus, E. R., & Jacobi, C. C. B. de. (2018). O resíduo seco gerado no desfibramento da Agave sisalana e seu impacto na saúde. *Textura*, *11*(20).

Mendes, A. M. (2007). *Psicodinâmica do trabalho: Teoria, método e pesquisas*. Casa do Psicólogo.

Nascimento, C. F. (2013). Os infortúnios do trabalho: Mutilação e movimento dos mutilados na região sisaleira da Bahia. In *XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal.

Nascimento, C. F. (2016). O trabalho nos campos de sisal do município de Valente-Bahia nas décadas de 1970 e 1980. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, 10(20).

Nascimento, T. B. (2023). Trabalhadoras rurais, vulnerabilidade social e participação: atualidade da pedagogia freireana. *Revista Interdisciplinar em Educação e Territorialidade–RIET*, 3(1), 157-172.

Quijada, D. W., Cavichioli, F. A., & Soares, N. M. (2020). Influência das políticas públicas na agricultura familiar. *Revista Interface Tecnológica*, 17(1), 340-351.

Santos, A. G., & Traesel, E. S. (2018). Clínica psicodinâmica do trabalho: sentidos do trabalho para agentes comunitários de saúde: sentidos do trabalho para agentes comunitários de saúde. *Trabalho (En)Cena*, 3(3), 18–33.

Soares, E. L., & Pinto, B. L. (2017). Dinâmica do trabalho no espaço rural: A precarização do trabalhador da produção do sisal no município de Conceição do Coité. In *IV ENGPECT e XII Fórum Estado, Capital, Trabalho, Sergipe*.

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. (2016*). Boletim anual de economia da Bahia 2016*. SEI.

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. (2020). *Boletim anual de economia da*

Bahia 2020. SEI.

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. (2021). *Boletim anual de economia da Bahia 2021*. SEI.

Vieira, F. de O., Ghizoni, L. D., & Marinho, M. (2018). “Ruim com ele, pior sem ele”: Servidão (in)voluntária que reforça o trabalho escravo contemporâneo, apontamentos à luz da psicodinâmica do trabalho. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 5(1), 55–79.